

Arte e filosofia: para além do conceito em Nietzsche

Alex Sander da Silva*

Resumo

Neste artigo pretende-se compreender a filosofia do pensamento nietzschiano, priorizando a temática assinalada, à medida que esta é formulada numa perspectiva crítica da racionalidade iluminista. A delimitação do trabalho acontece, então, a partir da tematização do conceito para além dele mesmo, isto é, no espaço crítico-criativo da relação entre arte e filosofia.

Palavras-chave: Nietzsche. Metáfora. Conceito. Arte. Filosofia.

1 INTRODUÇÃO

Num estudo do pensamento de Nietzsche, seria uma tarefa menos difícil assumir o convencimento da impossibilidade de aprisionar seu pensamento em definições prefiguradas, performáticas ou normativas do que tentar se aventurar na incerteza do filósofo de Zarathustra.¹ Todavia, em termos de discussão preliminar, podemos assumir a responsabilidade de insinuar um ensaio a respeito do tema: Arte e Filosofia: para além do conceito em Nietzsche de modo emblemático e muito menos cuidadoso e poético do que o do autor em questão.

Neste artigo pretendemos compreender a filosofia do pensamento nietzschiano, priorizando a temática assinalada, à medida que essa é formulada numa perspectiva crítica da racionalidade iluminista. A delimitação do trabalho acontece, então, a partir da tematização do conceito para além dele mesmo, isto é, no espaço crítico-criativo

* Doutorando em Educação, pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Pucrs; professor substituto de Teorias da Educação EED/CED-Ufsc; Rua Nossa Senhora Aparecida, 1185, Barreiros, São José, SC; alex17sanders@yahoo.com.br

da relação entre arte e filosofia. Não pretendemos buscar uma genealogia do conceito, ou do *lógos* ocidental, mas submetê-lo a crivo da interpretação de sua contingência e de sua imanência no espaço da metaforicidade nietzschiana, de modo que o estudo dessa temática se expressará como uma breve releitura do filósofo Nietzsche, na sua busca de ir para além do conceito racionalista, fechado, poderoso e universal.

O estilo do pensamento de Nietzsche proporciona um horizonte compreensivo da verdade como ficção, invenção e criação; uma visão perspectivista e interpretativa do conhecimento, ou seja, da própria filosofia que está no interior da tensão dialética do próprio conceito, uma vez que o espaço da arte (trágica), no pensamento nietzschiano, possa expressar uma tematização do próprio pensamento filosófico. O conceito torna-se lugar de produção e intervenção, e não de descoberta ou representação. A insistência no caráter produtivo da linguagem nietzschiana, sobretudo, dado o seu estilo de escrita e do caráter pulverizado de expressar suas idéias principais, proporciona-nos uma alternativa para a rearticulação do próprio conceito filosófico – o que explicitaremos mais adiante.

As possibilidades caminhos, entradas e saídas que nos remetem os textos nietzschianos sugerem-nos compreendê-los na força de pensamento por metáforas. Pensar por metáforas é enfraquecer o conceito fechado em si mesmo, é dar a ele a possibilidade de abertura. Ao mesmo tempo em que o conceito não é completamente esvaziado, é visto em suas contradições e desorientações, tornando-se espaço de recriação.

Nietzsche (1978b, p. 119), como pensador de problemas muito mais do que soluções, afirma que “[...] a observação imediata de si está longe de ser suficiente para aprender a se conhecer: precisamos de história, pois o passado continua a correr em nós em cem ondas; nós próprios nada somos senão aquilo que sentimos dessa correnteza a cada instante [...]” Com o diagnóstico quase profético, poderemos entender a alçada do projeto crítico nietzschiano como uma psicologia tipológica e uma história cultural do niilismo europeu (OLIVEIRA, 1999, p. 103).

Na compreensão crítica de que a realidade, a vida e o pensamento têm um caráter móvel e dinâmico, percebemos que há um profundo fluxo de movimento interpretativo, crítico e criativo no pensamento de Nietzsche. Com isso, podemos supor que o mundo, o conceito e a vida, para ele, não são fechados em si, mas encontram no fluxo da existencialidade seu movimento crítico-criativo. Assim, configuramos a temática ensaiada na relação emblemática entre filosofia e arte.

2 APOLÍNEO E DIONISIACO: RESSIGNIFICAÇÃO DO CONCEITO FILOSÓFICO

O conjunto da obra de Nietzsche é usualmente caracterizado como uma crítica aos fundamentos da cultura europeia, sobretudo da Alemanha do século XIX. O sentido de seu esforço se traduz na recuperação da potencialidade vital que teria sido seqüestrada pelos sistemas de pensamento até então dominantes. Em especial, torna-se arenoso e movediço o terreno filosófico, sobre o qual repousaram os sistemas platônico, cristão e iluminista na filosofia ocidental. Ele promove uma revalorização e reinterpretação das origens conhecidas da tragédia grega. Para tanto, ele resgata antigas lições dos poetas trágicos gregos.

A questão da obra de arte trágica grega terá um papel importantíssimo à filosofia nietzschiana. Segundo Machado (2002, p. 17), o ponto de partida da reflexão de Nietzsche sobre a arte na Grécia se encontra na correlação entre uma sensibilidade exacerbada para o sofrimento e uma extraordinária sensibilidade artística que caracteriza os gregos e que se explica pela força de seus instintos. Nesse sentido, que podemos dizer que a trajetória do seu pensamento se movimenta entre o *apolíneo* e *dionisiaco*.²

Conforme Machado (2002, p. 21), Nietzsche não está propriamente interessado em renovar e modificar conceitos da filosofia, seu objetivo diz respeito à “[...] libertar a palavra da universalidade do conceito, construindo um pensamento filosófico através da palavra poética.” O projeto nietzschiano é fazer a escrita atingir a perfeição da música, significa, por exemplo, considerar Zarathustra um canto musical, pela musicalidade da palavra (MACHADO, 2002, p. 25).

De acordo com Pinto (1987, p. 34-35), em Nietzsche, a verdadeira sabedoria tem de passar pela redescoberta do dionisiaco. O apolíneo e o dionisiaco são conceitos estéticos e metafísicos, ilustrados, respectivamente, por meio das metáforas de figura e de música, com as imagens do sonho e da embriaguez. O apolíneo e o dionisiaco, como instintos estéticos, Nietzsche encontra neles os princípios metafísicos do mundo e vê à arte como fenômeno cósmico e como via de acesso à verdadeira realidade. Esses instintos lutam entre si, mas não existem uns sem os outros, sendo em grandes medidas complementares (PINTO, 1987, p. 35).

A forma artística de Nietzsche se expressar parece ser adequada aos objetivos de sua filosofia: “[...] a proposta nietzschiana [...] se direciona contra a

rigidez do conceito, pois o conceito sendo rígido, abstrato e genérico não dá conta da vida que é fluxo ininterrupto e constante, eterno.” (CUNHA, 2003, p. 26). Além de melhor captar a dinamicidade e fluidez da vida, essa modalidade de expressão poética contempla a ambigüidade, o complexo, não empreendendo reduções, simplificações ou limites por demais castradores.

[...] só o poético diz o devir, por captar o ritmo dinâmico do universo conciliando a ambigüidade no interior do seu sistema. No mito e na poesia, por exemplo, os contrários não são contraditórios mas sim, complementares, perfazendo uma lógica da ambigüidade ou do paradoxo. (CUNHA, 2003, p. 26).

No dizer de Halis e Cunha (2004, p. 5), a forma de escrita sugere de Nietzsche a preferência em libertar o leitor de conceitos herméticos, ampliando a possibilidade de o mesmo ter novas idéias a partir das suas. Talvez, a importância de sua obra esteja nisso: não na tentativa de descobrir o sentido verdadeiro, único, correto ou absoluto de suas palavras, mas na turbulência, no desconforto da comodidade (gerada pelas convenções arraigadas), enfim, na ampliação do potencial de se ter continuamente novas idéias. Resgatando ainda os comentários de Cunha (2003, p. 32), vale destacar que:

[...] Nietzsche defende um outro tipo de imagem do pensamento, em que não há dualidade, cisão, transcendência, afirmando o sensível, a aparência e o jogo ilusionista da vida, [...] dá sua postura se engajar em um projeto de demolição da metafísica Ocidental. Essa *vontade negativa* de potência, porquanto negadora da vida em nome de um sistema abstrato, lógico, intelectual é reativa, assegurando a hegemonia do ‘espírito de vingança’ sobre o escoamento do devir.

Isso é coerente com o assalto que Nietzsche promove aos conceitos universais e absolutos. O ser deve ser deslocado em nome do “tudo veio, e vem, a ser”. Nietzsche não opera com supostos fatos, mas apenas com interpretações destes, como já se apontou previamente. Essa modalidade de abordagem envolve o chamado perspectivismo, no qual as idéias de substância e de corpos são dissolvidas, optando-se por trabalhar com forças conceituais – que não é um conceito rigidamente delimitado – até porque isso seria prejudicial segundo a perspectiva nietzschiana, pelas razões já apontadas. Por isso:

[...] a trama conceitual nas obras de Nietzsche surge como efeito poético do movimento da obra, compondo um tecido extremamente complexo, por vezes paradoxal, de difícil leitura, uma vez que o autor lê e relê o seu próprio pensamento em diversos níveis, perspectivas múltiplas, apresentando caminhos e descaminhos imbricados uns nos outros, tendo o leitor que recolher aqui e ali os elementos que irão compor o conjunto da obra. Cabe ressaltar que o fato de o autor privilegiar a escrita poética não invalida a prática conceitual própria ao pensamento filosófico. Os dois movimentos perfazem um todo na obra do filósofo. (CUNHA, 2003, p. 4).

Além disso, as forças conceituais são definidas em função de suas relações umas com as outras, em virtude de um “jogo do acaso” que as integra ou dispersa. No perspectivismo, não somente o ser humano, mas cada centro de força avalia e reconstrói todo o resto do universo a partir de si mesmo. Os modelos, os formatos e dimensões do cosmos são proporcionais à própria força. Nesse sentido, ao conceito, uma vez que se tenha encontrado a si mesmo, é preciso saber, de tempo em tempo, perder-se e depois encontrar-se. Cunha (2003, p. 3) acentua que “[...] a filosofia de Nietzsche se caracteriza por ser uma filosofia capaz de libertar a potência criativa do pensamento, subvertendo os modos de expressão filosóficos e científicos até então concebidos, trazendo para esses discursos o aforismo e o poema.”

3 O PROBLEMA DA VERDADE: POR UMA FILOSOFIA ARTÍSTICA OU UMA ARTE FILOSÓFICA

Nietzsche reconfigura a marca do pensamento filosófico ocidental, que se conforma ao pensamento racional, no *lógos* universalizante da realidade. Tal pensamento toma por princípio a identidade como constitutivo da ciência e da filosofia. A razão iluminista moderna conduz o conceito a uma ordem totalitária do conhecimento e da ação. Ao ficar reduzido ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia, ao assumir um modo unilateral de racionalidade, o pensamento demonstrou uma visão parcial e instrumental do conhecimento humano.

Esse tipo de razão que observa, normatiza, calcula, classifica e domina, a partir de interesses hegemônicos, reduziu-se em promessas não-cumpridas dentro da própria modernidade. Uma das conseqüências mais diretas da tal modernidade iluminista sobre o processo de conhecimento foi a defesa afirmativa da razão. É, sobretudo no Iluminismo, que acontece o fortalecimento de uma razão normativa e calculadora,

estendendo-se a todos os domínios do ser humano. A meta da modernidade, impulsionada pelos ideais iluministas como um espaço de progresso, e o desejo de superação dos limites da própria ciência evidenciaram os domínios da racionalidade iluminista.

O Iluminismo, ao apresentar o horizonte da racionalidade moderna, estabeleceu-se a partir das categorias de identidade, da não-contradição, recorrendo a conduzir tudo à sua dimensão, como fez a ciência cartesiana. Na perspectiva de Nietzsche, a modernidade debateu-se nos domínios de uma razão orgulhosa de suas potencialidades científicas e tecnológicas. Poderíamos dizer, com isso, que na filosofia nietzschiana não há propriamente uma questão epistemológica em evidência, mas há uma recusa da teoria do conhecimento da modernidade propriamente dita.

Os pensadores iluministas compartilhavam do ponto de vista de que, por intermédio da ciência e da razão, o ser humano conseguiria alcançar a felicidade, a justiça e a igualdade, isto é, a verdade. Se o diagnóstico que podemos perceber no pensamento nietzschiano da racionalidade moderna demonstra a fatalidade da promessa não-cumprida da própria modernidade, então, é possível pensarmos que o pensamento ocidental encontra seu limite na própria razão e na ciência.

Na tradição iluminista, o pensamento transforma-se na ilusão da indestrutibilidade conceitual, embebida nas fórmulas lógicas afinçadas no pensar absoluto. Como em outros tempos, está colocado em jogo o problema da verdade. A vontade da verdade obscurece, na compreensão nietzschiana, a vontade de potência. Conforme Nietzsche (1998, p. 27), “[...] todas as grandes coisas perecem por obra de si mesmas, por um ato de auto-supressão.”

A reflexão nietzschiana, quando acena para o problema da ciência, do conhecimento, tem como tema subliminar o problema da verdade. A vontade de verdade encontra-se na crença, que funda a ciência, de que nada é mais necessário do que o verdadeiro; necessidade não de que algo seja verdadeiro, mas de que seja tido como verdade. A questão não é propriamente a essência da verdade, mas a crença na verdade (MACHADO, 2002, p. 75).

Nietzsche coloca o problema da verdade no mesmo nível de problematização interpretativa da origem do conhecimento humano. Ele mesmo se questiona: afinal o que é a verdade? A definição mais complexa a que nos remete, revelando seu perspectivismo de todo o conhecimento humano, é articulada nesses termos:

O que é a verdade, portanto? Um batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, enfim, uma soma de relações humanas, que foram enfatizadas

poética e retoricamente, transpostas, enfeitadas, e que, após longo uso, parecem a um povo, sólidas, canônicas e obrigatórias: a verdade são ilusões, das quais se esqueceu que o são, metáforas que se tornaram gastas e sem força sensível, moedas que perderam sua efigie e agora só entram em consideração como metal, não mais como moedas. (NIETZSCHE apud OLIVEIRA, 1999, p. 108-109).

Desse modo, para Nietzsche, a verdade não é uma questão de adequação – ou de correspondência – à “coisa-em-si”, quer essa “coisa-em-si” seja definida como essência (metafísica), quer como existência empírica (positivismo), quer como existência racional; mas sim esse conjunto de metáforas, metonímias do ser humano em suas dimensões discursivas provisórias. Em nosso entender, em Nietzsche a verdade é, sempre e já, interpretação; por isso, tem sua origem discursiva e não-transcendental.

O problema da verdade consiste no grande divisor de águas entre arte e ciência, e na própria concepção de filosofia como terceiro gênero (OLIVEIRA, 1999, p. 109). Nesses termos, Nietzsche chega próximo a confundir o espaço filosófico com o da arte. Seria, desse modo, afirmamos que o pensamento nietzschiano se apresenta como uma força filosófica da arte ou até uma força artística da filosofia. Tal filosofia artística ou arte filosófica pretende-se distante da busca de uma verdade absoluta. Nesse sentido, podemos dizer que a expressividade metafórica em Nietzsche subverte o papel do próprio conceito filosófico, como instrumento por excelência de produção de verdades.

Contra a dominação epistemológica do inteligível sobre o sensível, em que certas metáforas conquistaram poder conceitual em relação a outras, Nietzsche antecipa uma metaforicidade com além-conceito, exprimindo o que é próprio do ser humano, ou seja, sua vontade de potência e verdade que são provisórias, relativas à sua armação simbólica do mundo – na linguagem.

No dizer de Nietzsche (1978a, p. 186):

[...] armamos para nós um mundo, em que podemos viver – ao admitirmos corpos, linhas, superfícies, causas e efeitos, movimento e repouso, forma e conteúdo: sem esses artigos de fé ninguém toleraria agora viver! Mas com isso ainda não são nada de demonstrado. A vida não é argumento; entre as condições da vida poderia estar o erro.

A ilusão da indestrutibilidade conceitual embebeda as fórmulas científicas da lógica tradicional, afinçada no pensar que se fez absoluto, ou seja, “[...] na

medida em que toda metafísica se tem dedicado principalmente a substância e a liberdade da vontade, pode-se designá-la como a ciência que trata dos erros fundamentais do homem – mas, no entanto, como se fossem verdades fundamentais.” (NIETZSCHE, 1978b, p. 75).

É notável em Nietzsche seu distanciamento a toda espécie de totalitarismo epistemológico, um vez que o princípio da identidade conduz o conceito filosófico a uma ordem totalitária da verdade em sua expressão conceitual. Com isso, a racionalidade que prima a busca da verdade absoluta imprime não somente uma disciplina conceitual violenta da própria razão, como também concatena uma fundamentação empírica de uma experiência subjugada na objetivificação do próprio conceito de verdade.

Há um aspecto enraizado no conceito: o conceito é dominador, é controlador; sua raiz está no domínio da natureza. A fixidez conceitual tornou-se norma na ciência e na filosofia, fazendo com que haja um momento em que o próprio conceito se apodera do ser humano e o domina. Tal atitude leva o sujeito, mediante o imperativo do conceito, a reprimir, a desprezar e explorar a si mesmo e aos outros. O conceito esclarecido, objetificado expulsa a possibilidade da diferença e qualquer coisa que o sujeito faça não pode senão reprimir sua natureza interpretativa.

A genealogia nietzschiana, como crítica radical que problematiza as delimitações epistemológicas da razão moderna, parte de um momento histórico e cultural situado. Uma leitura rápida de seus principais textos nos faz perceber a temática da crítica nietzschiana afincada numa filosofia voltada para o futuro da humanidade sem, no entanto, constituir uma mensagem utópica, escatológica e até mesmo messiânica.

Conforme Oliveira (1999, p. 111), Nietzsche parece assumir uma missão profética, sendo predestinado a anunciar a tragédia que está na iminência de assolar a humanidade, confirmando-se, assim, um tom apocalíptico em diversos textos do autor, sem que haja uma harmonização em razão de um determinado gênero literário ou filosofema.

4 CONCLUSÃO

O pensamento nietzschiano revela a composição do caráter antropológico da vontade de poder, que torna o imperativo do conceito racional possível, confrontado-o com o para além do conceito. Em Nietzsche, o paradoxo do pen-

samento está em rejeitar o pretensível caráter em si dos valores verdadeiros (absolutos) e o postulado do devir entre valor e realidade, defendendo a postura de se assumirem os valores da existência humana. Dessa forma, sem nos apegarmos à rigidez de fórmulas prévias do conceito, poderíamos dizer que a vontade de poder está para o ser como o eterno retorno está para o seu vir-a-ser. O ser humano é o devir da sua própria superação (OLIVEIRA, 1999, p. 111).

De acordo com Nietzsche, enquanto os indivíduos continuarem a se deixar amarrar à forma do sujeito transcendental, eles não poderão alcançar senão a própria perdição. No entanto, é precisamente em virtude de o fato de a libertação do conceito não poder ser de modo objetivo que ela não pode tampouco ser levada a cabo na forma do sujeito objetificado. Assim, método e verdade nietzschiano não podem ser dissociados do sentido e do valor que atribuímos à existência humana (OLIVEIRA, 1999). Arte e filosofia estão na base da crítica a qualquer pretensão cientificista do pensamento, desde que se preserve o experimento perspectivista que desafia as concepções metafísicas da busca da verdade.

No caminho de Nietzsche, as reflexões filosóficas postulam a orfandade moderna com a morte de Deus³ como o maior de todos os eventos; de modo que, ao proclamar com tal insanidade e insensatez um problema metafísico, o “louco” aparece como uma experiência-limite de uma racionalidade em crise:

‘Para onde foi Deus?’, gritou ele, ‘já vou dizer-lhes. *Nós o matamos* – vós e eu.’ Todos nós somos os seus assassinos. Mas como fizemos isso? Como conseguimos beber inteiramente o mar? Quem nos deu a esponja para apagar o horizonte? O que fizemos quando desatamos a terra do seu sol? Para onde se move ela agora? Para onde estamos nós indo? Para longe de todos os sóis? Não estamos continuamente caindo? Para trás, para frente, para os lados, em todas as direções? Ainda existe um ‘em cima’ e um através de um nada infinito? Não sentimos o sopro de um vácuo? Não tornou-se ele mais frio? Não está anoitecendo o tempo todo? Não devemos agora acender lanternas pela manhã? Não ouvimos um ruído dos Coveiros a sepultar Deus? Não já sentimos o cheiro da putrefação divina? Os deuses também se decompõem, Deus morreu. Deus morto. E nós o matamos. (NIETZSCHE apud OLIVEIRA, 1999, p. 114).

As reflexões de Nietzsche interpenetram o enfrentamento do desmoronamento da crença de um fundamento que dá sentido à existência humana. Em sua linguagem metafórica que Deus morreu, indica a proximidade desse fenômeno com nossas convicções herdadas da tradição ocidental judaico-cristã, na qual nos submetemos ao jugo de suas postulações.

De acordo com Machado (1997 p. 48), Nietzsche descreve metaforicamente a morte de Deus como um problema do ser humano moderno, responsável pela supressão da crença na tradição da metafísica clássica e do cristianismo, substituição da teologia pela ciência e a ruptura que a modernidade faz na história da cultura com os valores absolutos, das essências e do fundamento divino.

A morte de Deus pode ser interpretada como sinal de desdeificação da natureza, como crítica à racionalidade moderna. Conforme Oliveira (1999, p. 117), esse evento nos remete a uma problemática antropológica complexa, em que a crítica de significados e valores requer um exame de diversos aspectos correlatos – incluindo problemas de ordem epistemológica, histórica e ética.

Afinal, o grande problema nietzschiano está em suspeitar da pretensão de fundamentação metafísica das normalizações do pensamento, de tal modo que Nietzsche não buscou reconciliar sujeito com objeto, universal com particular, tampouco se contentou com uma mera inversão do modelo filosófico-científico na concepção de ser humano. Seu legado está na formidável poética do pensar humano, concatenado na mais refinada crítica do conhecimento, da moral, da religião, enfim, da vida humana.

Tal poética reside na sua pretensão, não no enfraquecimento da filosofia em detrimento da arte, mas na reformulação crítica do pensamento, do conceito. De qualquer modo, no pensamento de Nietzsche, podemos dizer que a arte excursiona a filosofia para o enfraquecimento do seu próprio conceito. Dessa forma, o resgate do conceito se dá para além dele mesmo, portanto, está aí o papel fundamental da arte – a arte trágica – que emprega o pensamento nietzschiano, que faz uma crítica à exacerbação da razão iluminista, reafirmando que não existe binômio na realidade, nem no pensamento.

Art and philosophy: for beyond the concept in Nietzsche

Abstract

In this brief test we want to move on the possibilities of understanding of the Nietzsche's philosophical thought, focusing on thematic marked, insofar as that is formulated in a critique of Enlightenment rationality. The delimitation of the

work occurs, then, from the subject matter of the concept beyond it, that is, in the space of critical-creative relationship between art and philosophy.

Keywords: Nietzsche. Metaphor. Concept. Art. Philosophy.

Notas explicativas

- ¹ Refere-se à obra Assim falou Zaratustra (1882-1884). Ver: NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores).
- ² Nietzsche se vale dos mitos de Apolo e Dionísio para exprimir a finalidade da tragédia grega, particularmente, na compreensão entre arte e conhecimento. Tal compreensão vai aparecer sobretudo na obra “O nascimento da Tragédia.” Ver: MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a verdade*. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002.
- ³ De acordo com a interpretação de Machado (1997), a morte de Deus, em Nietzsche, é a constatação do niilismo da modernidade, isto é, a evidência de que a fê em Deus, que servia como base à moral cristã, encontra-se cada vez mais distante no pensamento e na prática do ocidente moderno. Significa, pois, a substituição da autoridade divina pela consciência ou razão moderna. Cf. A morte de Deus e o super-homem futuro. In: MACHADO, Roberto. *Zaratustra*. Tragédia nietzschiana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 35-76.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Maria Helena Lisboa da. **Nietzsche espírito artístico**. Londrina: Cefil, 2003.

HALIS, Denis de Castro; CUNHA, Maria Helena Lisboa da. **O problema do conhecimento em Nietzsche**. 2004. Disponível em: <<http://www.mundojuridico.adv.br>>. Acesso em: 15 set. 2007.

MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a verdade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

_____. **Zaratustra**. Tragédia nietzschiana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Tradução Mário da Silva. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

NIETZSCHE, Friedrich. **Gaia Ciência**. São Paulo: Abril, 1978a.

_____. **Genealogia da moral**. Uma Polêmica. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **Humano demasiado humano**. São Paulo: Abril, 1978b.

_____. **Obras incompletas**. São Paulo: Abril, 1978c.

_____. **Para além do bem e do mal**. Prelúdio a uma filosofia do futuro. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

OLIVEIRA, Nythamar F. de. **Tractatus ethico-politicus**: genealogia do ethos moderno. Porto Alegre: Edipucrs, 1999.

PINTO, Maria José Vaz. A filosofia na idade trágica dos gregos: da sabedoria dos filósofos trágicos à inversão do socratismo. In: MARQUES, Antonio (Org.). **Nietzsche**: cem anos após o projecto “vontade de poder – transmutação de todos os valores. Lisboa: Vega, 1987.

Recebido em 5 de abril de 2008

Aceito em 1º de junho de 2008